

OS MELHORES DE 2017

TEATRO



SIMON HALLSTRÖM / ICONIQ STUDIO GMBH

O céu é o limite

Em 2017 a criação nacional esteve em destaque. O Festival de Almada e o FIMFA asseguraram a programação internacional mais coerente e variada

TEXTO JOÃO CARNEIRO

E

m 2017, e além de uma abundante produção escrita quer em peças de teatro quer no campo ensaístico, a criação portuguesa teve uma franca visibilidade, com obras de muitos artistas emergentes ou em início de carreira, sem que o fator novidade ou juventude fosse, contudo, exclusivo. Na lista deste ano não há, praticamente, os novíssimos, os recém-chegados ao teatro; mas há o sólido trabalho de Marta Carreiras e Romeu Costa na encenação de “Pedro e o Capitão”,

com Ivo Canelas e Pedro Gil; há o “Capitão Michel...”, de Bruno Bravo, um pequeno ‘concentrado’ de inteligência, bom gosto e feliz dramaturgia; há “Topografia”, com que o Teatro da Cidade continua a tentar criar uma linguagem teatral própria, a partir do texto e do rigor da execução, se bem que num modo mais sóbrio do que na estreia do grupo, com “Os Justos”, de Camus, em 2016; há, ainda, “Esquecer”, cinco monólogos de Dimítris Dimitriádis, que Jean-Paul Bucchieri encenou e onde ficou em destaque, principalmente, o trabalho dos atores — e talvez, muito especialmente, das atrizes, Beatriz Brás e Ana Cris; “Cândida ou o Pessimismo”, um monólogo escrito e interpretado por Cucha Carvalheiro, com encenação de Fernanda Lapa; e, finalmente, “Os Negros”, do Teatro Griot, um

espetáculo maior no ano teatral e a quarta vez que Rogério de Carvalho encena esta peça de Genet, um autor que deixou uma marca particular no teatro e na literatura do século XX.

É, contudo, a direção de atores que tem fragilizado muito do atual teatro português; é um aspeto fundamental de grande parte dos espetáculos que continuam a ser feitos e que parece tender a desaparecer sem deixar substituto válido. E é a direção de atores que constitui um dos traços distintivos mais fortes de “Une Île Flottante”, além da inteligência da dramaturgia, da excelência da cenografia, da sensibilidade musical do grande encenador que é Marthaler, das luzes e do trabalho dos atores.

“Une Île Flottante” é também um exemplo maior do teatro que se

Escolhas

UNE ÎLE FLOTTANTE /
UMA ILHA FLUTUANTE

A partir de Eugène Labiche
Encenação de Christoph Marthaler

CELUI QUI TOMBE

De Yoann Bourgeois

TEATRO DELUSIO

De Familie Flöz

GOLEM

De Suzanne Andrade

OS NEGROS

De Jean Genet
Encenação de Rogério de Carvalho

CÂNDIDA OU O PESSIMISMO

De Cucha Carvalheiro
Encenação de Fernanda Lapa

A HISTÓRIA ASSOMBROSA
DE COMO O CAPITÃO MICHEL
PERDEU UM BRAÇO

A partir de “O Jantar dos Bustos”,
de Gaston Leroux
Encenação de Bruno Bravo

PEDRO E O CAPITÃO

De Mario Benedetti
Encenação de Marta Carreiras
e Romeu Costa

TOPOGRAFIA

De Teatro da Cidade

ESQUECER

De Dimítris Dimitriádis
Encenação de Jean-Paul Bucchieri

faz no estrangeiro. O Festival de Almada e o Festival Internacional de Marionetas e Formas Animadas (FIMFA) — e outros casos dignos de nota, como até agora a Culturgest, com características particulares — são quem, de maneira mais consistente e obstinada, insiste em trazer aquilo que, vindo de fora, serve de exemplo, de confronto, de aprendizagem e de deleite — para todos, artistas ou não. Assim, e além da “Ilha...”, de Marthaler, vale a pena assinalar espetáculos como “Golem”, de Suzanne Andrade, com o seu fantástico e original grafismo; o “Teatro Delusio”, dos germânicos Familie Flöz, ou a inteligência incrível do teatro de marionetas; e “Celui qui tombe”, de Yoann Bourgeois, uma vertiginosa confluência de várias artes de palco — música, teatro, coreografia, acrobacia. O céu é o limite. ●